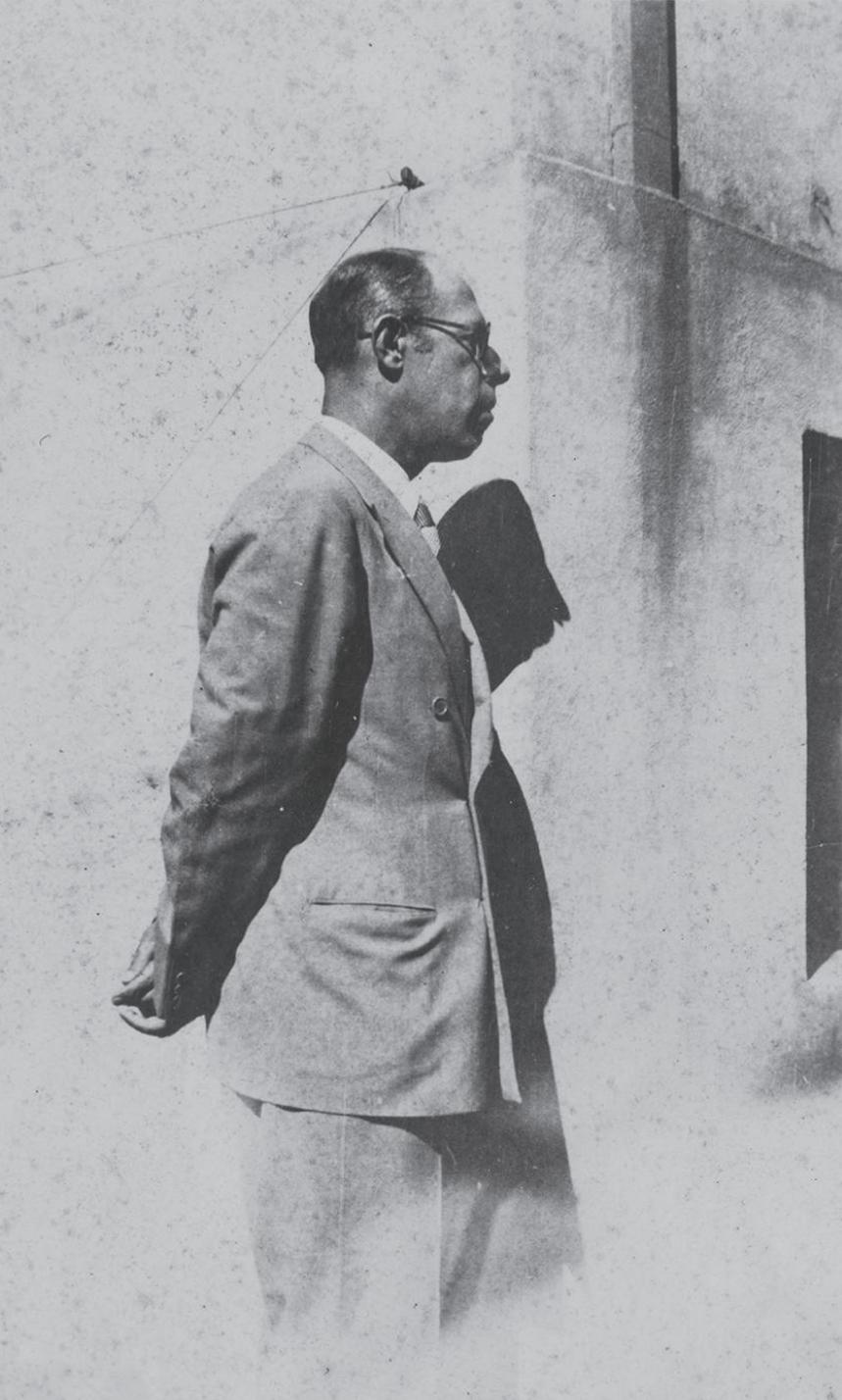


MÁRIO DE ANDRADE

Antes e depois de Macunaíma

- ▶ Éder Silveira
- ▶ eders@ufcspa.edu.br



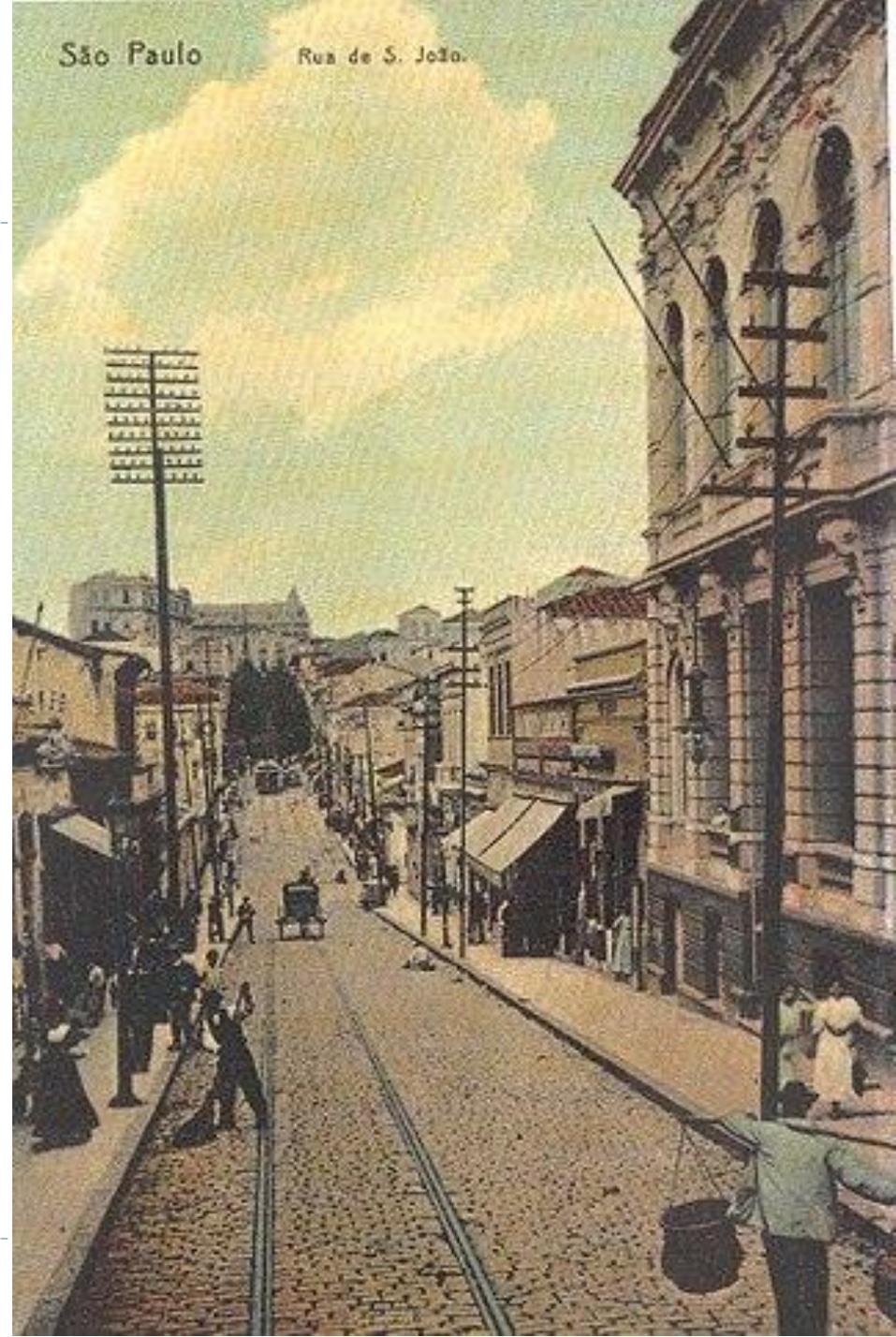


Mário Andrade e
o seu
Macunaíma,
bárbaro
tecnicizado

Mário antes de Macunaíma



Conservatório Dramático e Musical de São Paulo



As substâncias, folhas
de uma espécie de
putra o arto
Há uma gota de sangue
em cada poema

MARIO SOBRAL



HÁ UMA GOTTA DE SANGUE
EM CADA POEMA

MAR FOLIO
FOCAL & COMP.
REVENH

Há uma gota de
sangue em
cada poema,
1917

A primeira viagem: Ouro Preto, 1919



A Semana de Arte Moderna, 1922



O grupo dos cinco



O grupo dos cinco



O movimento modernista, 1942

“O modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional. É muito mais exato imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra, eminentemente destruidor. E as modas que revestiram esse espírito foram, de início, diretamente importadas da Europa.”



“Quanto a dizer que éramos, os de São Paulo, uns antinacionalistas, uns antitradicionalistas europeizados, creio ser falta de subtileza crítica. É esquecer todo o movimento regionalista aberto justamente em São Paulo e imediatamente antes, pela “Revista do Brasil”; é esquecer todo o movimento editorial de Monteiro Lobato; é esquecer a arquitetura e até o urbanismo (Dubugras) neocolonial, nascidos em São Paulo. Desta ética estávamos impregnados. Menotti del Picchia nos dera o “Juca Mulato”, estudávamos a arte tradicional brasileira e sobre ela escrevíamos; e canta regionalmente a cidade materna o primeiro livro do movimento. Mas o espírito modernista e as suas modas foram diretamente importados da Europa.”



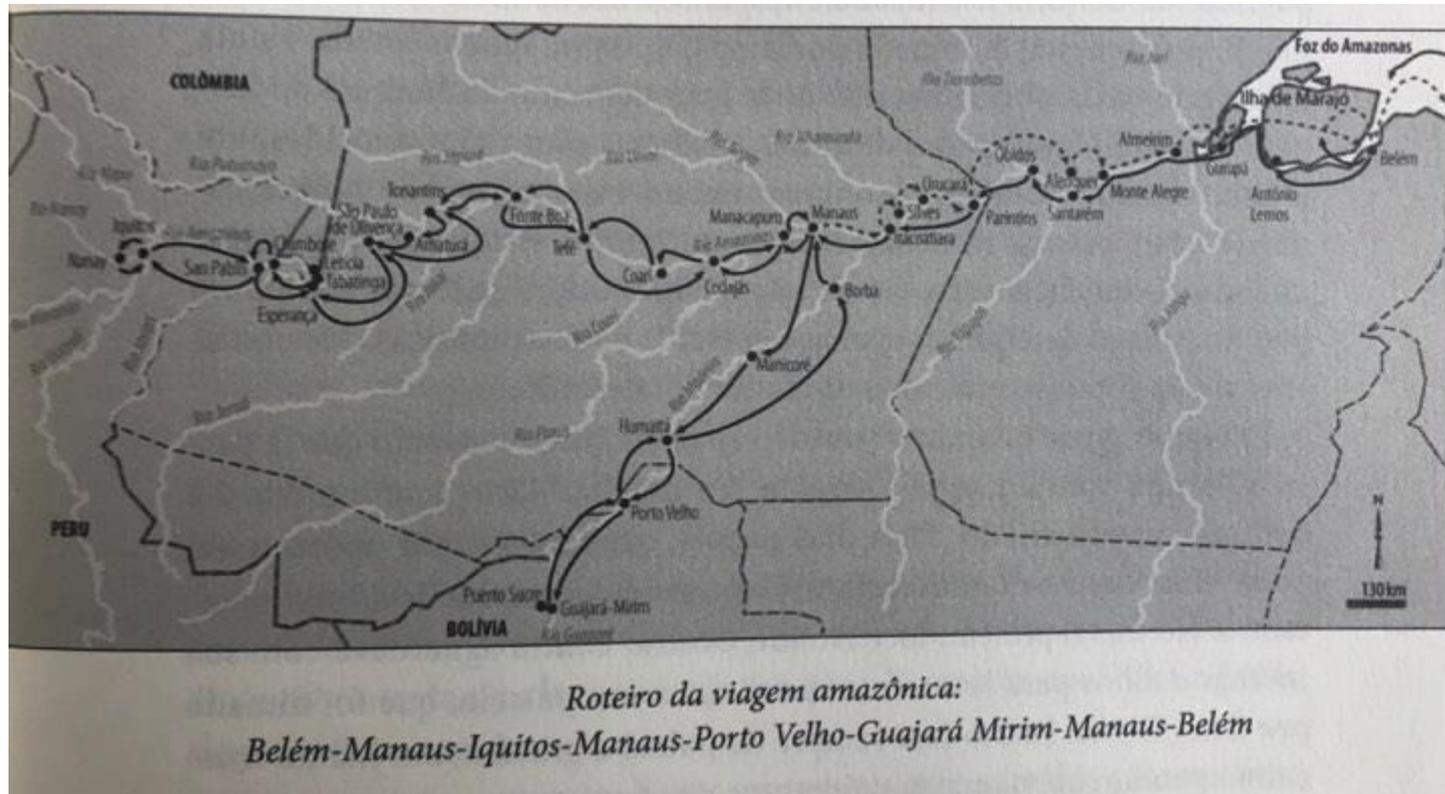
Viagem dos modernistas – MG, 1924



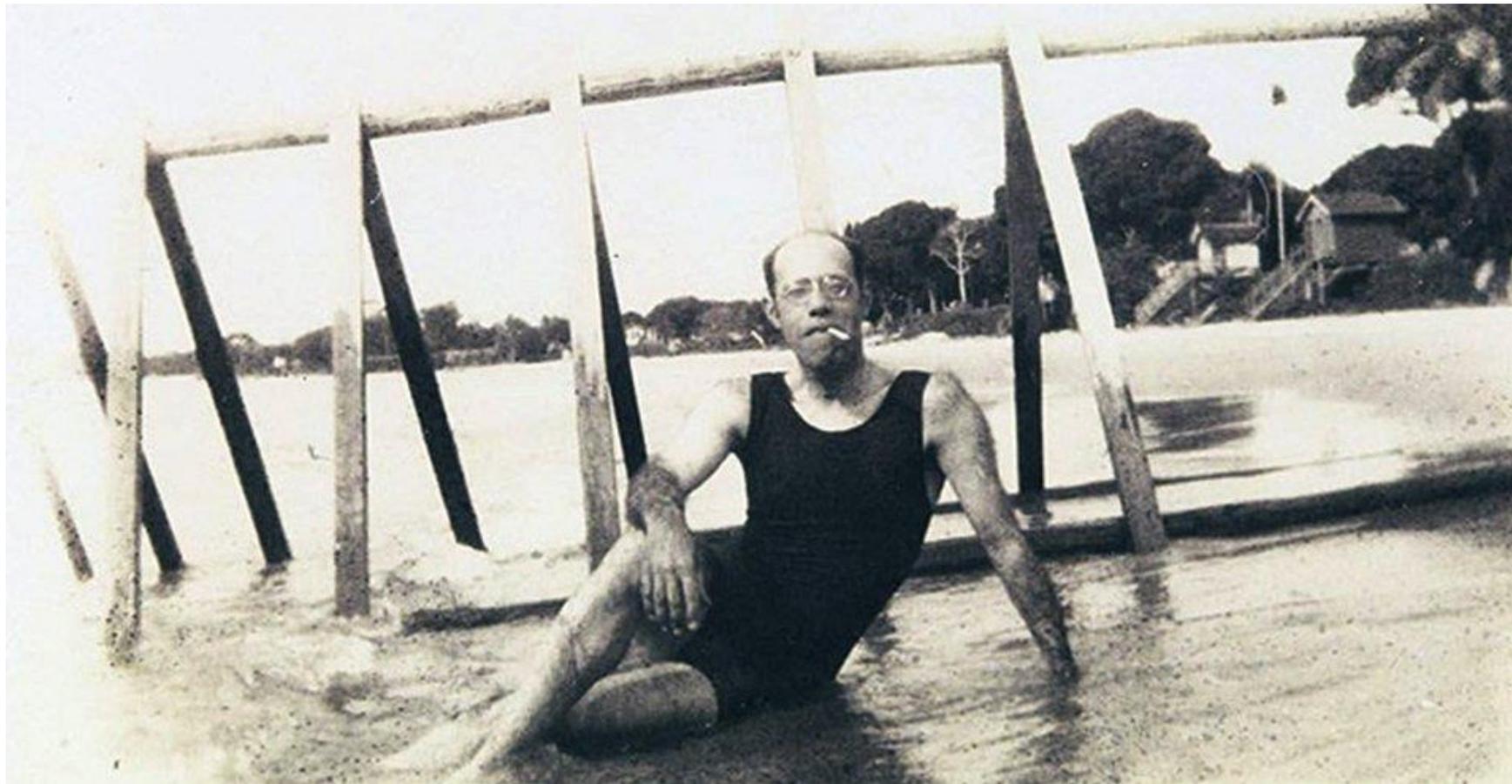
Turista aprendiz, Amazonas, 1927



Viagem amazônica: 07 de maio a 15 de agosto de 1927



Mário em Belém

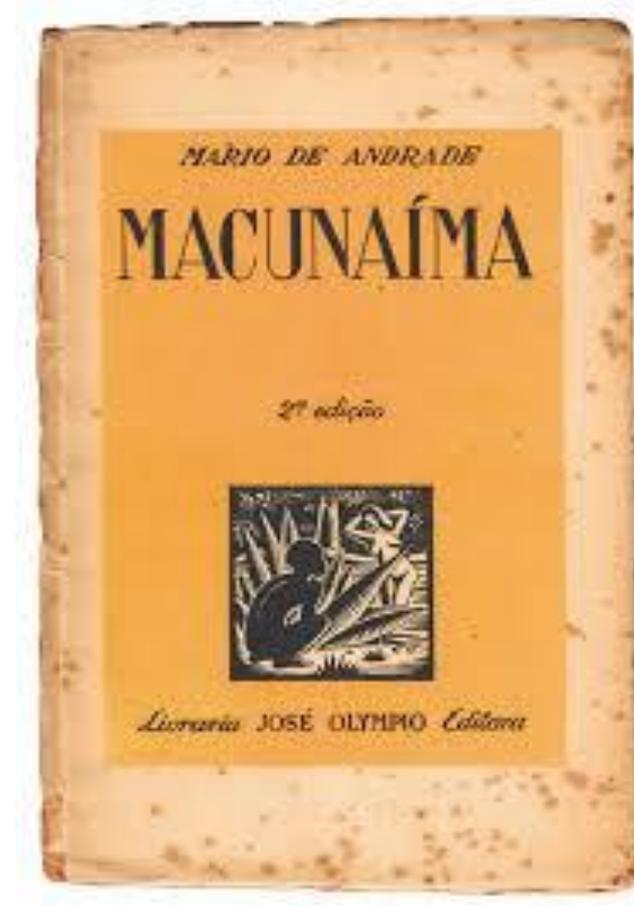
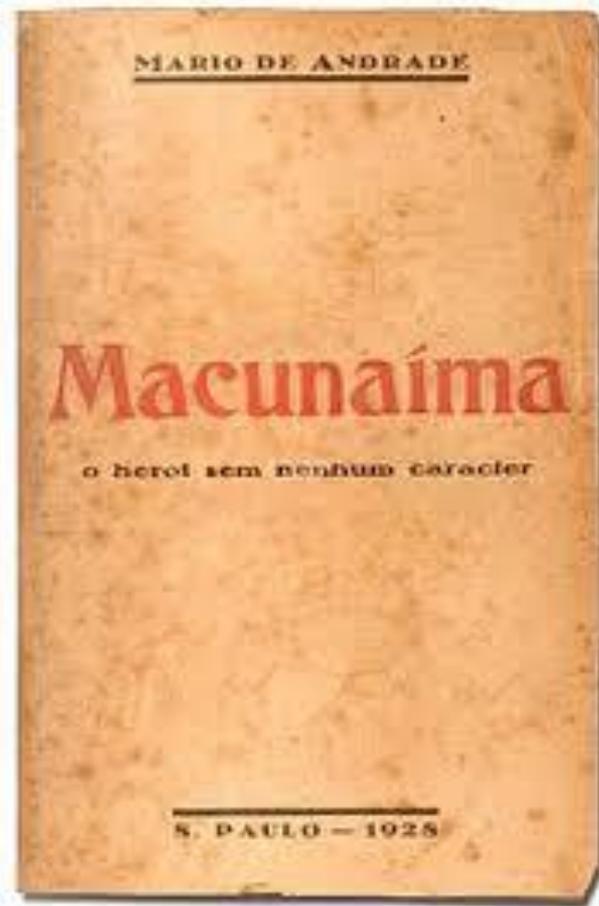




A obra



Primeira e segunda edições



Primeiras análises

- ▶ Manuel Cavalcanti Proença. Roteiro de Macunaíma. RJ: Civilização Brasileira, 1987. (1955).
- ▶ Haroldo de Campos. Morfologia de Macunaíma. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ▶ Telê Porto Ancôna Lopez. Macunaíma: a margem e o texto: São Paulo: Hucitec, 1974.



Mário de Andrade em carta a Alceu de Amoroso Lima

No geral meus atos e trabalhos são muito considerados por demais para serem artísticos. *Macunaíma* não. Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch-Grünberg percebi que *Macunaíma* era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porquê, de certo pelo ineditismo do fato, ou por ele concordar um bocado bastante com a época nossa, não sei.⁶



Raimundo Moraes, no “Dicionário das Cousas da Amazônia”

Os maldizentes afirmam que o livro *Macunaíma* do festejado escritor Mário de Andrade é todo inspirado no *Vom Roroima zum Orinoco* do sábio (Koch-Grünberg). Desconhecendo eu o livro do naturalista germânico, não creio nesse boato, pois o romancista patricio, com quem privei em Manaus, possui talento e imaginação que dispensam inspirações estranhas.¹



Mário de Andrade, em sua coluna no “Diário Nacional”

Copiei, sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. E até o sr. na cena da Boiuna. Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mais ainda, na “Carta pras Icamiabas”, pus frases inteiras de Rui Barbosa,

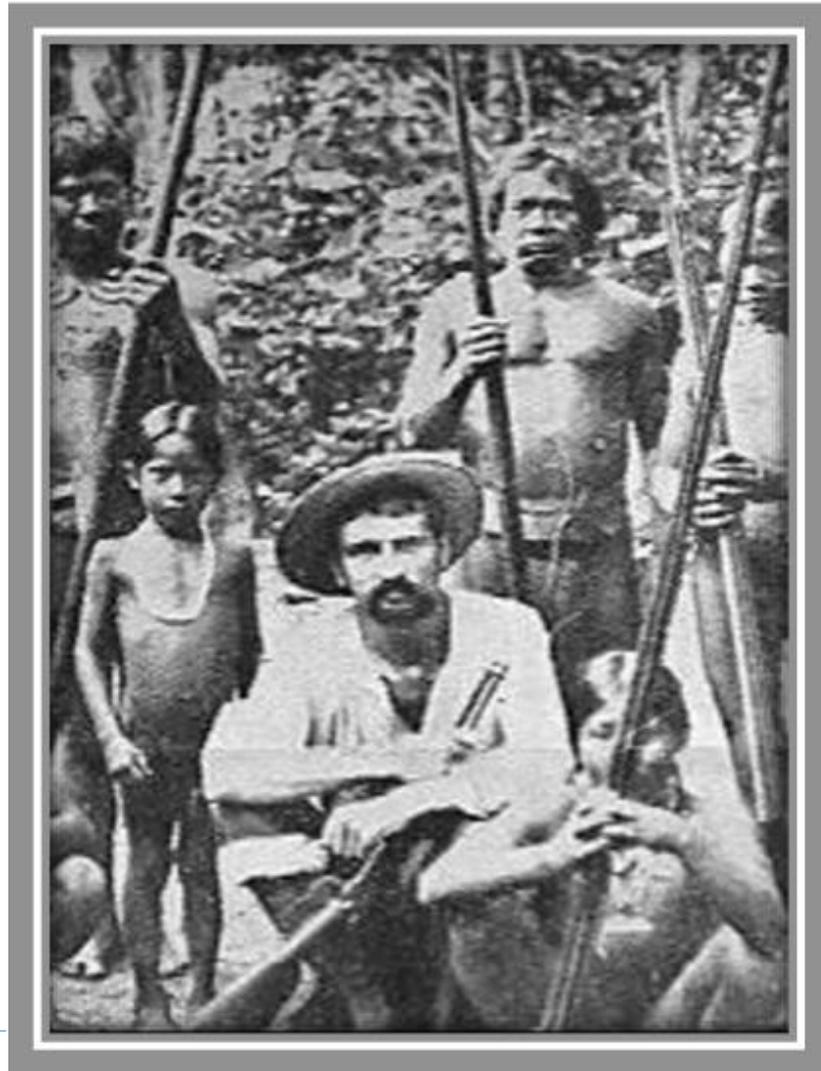




As fontes



Theodor Koch-Grünberg (1872-1924)









Depois de Macunaíma



O fim do namoro modernista

O mergulho no estudo do folclore tem o significado de uma passagem no pensamento de Mário de Andrade, uma mudança de perspectiva sobre o sentido do fazer artístico. Ele partiu de um ideal de arte individualista, cujo foco repousava sobre a figura do artista, do criador, em direção a uma ideia de arte coletiva e, na maior parte das vezes, anônima.



Curso de filosofia e história da arte

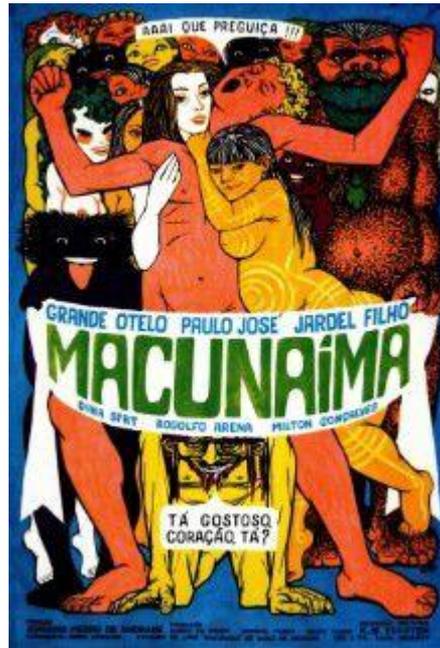
“Não só porque pode levar o artista a um tradicionalismo técnico, meramente imitativo, em que o tradicionalismo perde suas virtudes sociais para se tornar simplesmente “passadismo” ou, si quizerem, “academismo” como porque pode tornar o artista uma vítima de suas próprias habilidades, um “virtuose” na pior significação da palavra, isto é, um indivíduo que nem sequer chega ao princípio estético, sempre respeitável, da arte pela arte, mas que se compraz em meros malabarismos de habilidades pessoais, entregue à sensualidade do aplauso ignaro.”



Macunaíma depois de Mário de Andrade



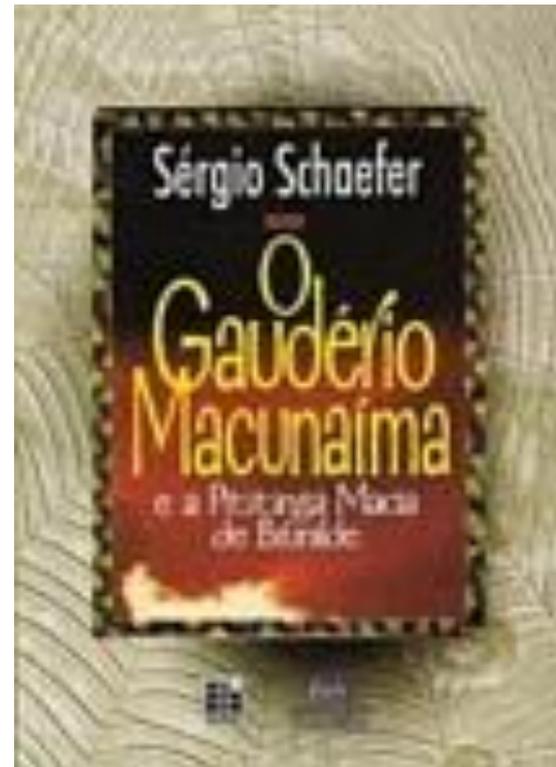
Macunaíma, Joaquim Pedro de Andrade, 1969







O Gaudério Macunaíma e a Pititinga Macia de Brunilde (2001)



Makunaimã (2018)

“Makunaimã: o mito através do tempo, a peça de teatro, traz as vozes indígenas pemon, taurepang, wapichana e macuxi, povos que são herdeiros legítimos de Makunaimã, a reclamar dentro da própria casa de Mário de Andrade o Macunaíma estereotipado, que mistura histórias e culturas indígenas diferentes para compreender a formação do povo brasileiro, a partir do nosso sagrado.” (Divulgação da editora Elefante)



